

**No processo de desenvolvimento psíquico, o
pensamento infantil em especial**

**In the psychic development process, in particular, the
child's thinking**

**En el proceso de desarrollo psíquico, el pensamiento
infantil en particular**

Rosangela Trabuco Malvestio da Silva

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Paranavaí/PR - Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo explicitar como se dá o desenvolvimento do pensamento infantil, a partir da concepção histórico-cultural. É um estudo bibliográfico, pautado nos pensadores da referida concepção, dentre eles Aléxis N. Leontiev, Alexander R. Luria, Lev S. Vygotsky e S. L. Rubinstein. Em um primeiro momento, destaca-se que o pensamento, assim como as demais funções que compõem o psiquismo humano, não é inato nem naturalmente moldado pelo meio. Constitui-se, isso sim, com base na mediação social, nas profundas articulações entre fatores biológicos e culturais. Na sequência, discute-se a relação entre linguagem e pensamento, destacando que, no momento em que a fala socializada e o uso dos signos convergem e são internalizados, surge o pensamento. Por fim, conclui-se que, conforme Vygotsky (1987), a relação entre linguagem e pensamento é o centro de todo o desenvolvimento psicológico. Para entender como se dá esse processo na criança, é necessário adentrar as relações que se estabelecem entre ela, os adultos e os objetos com os quais convive.

Palavras-chave: Pensamento, Linguagem, Funções psíquicas, Criança

Abstract

This article aims to describe how the development of children thinking happens from to the historical-cultural conception. It is a bibliographic study based on thinkers of this conception as Alexis N. Leontiev, Alexander R. Luria, Lev S. Vygotsky and SL Rubinstein. Firstly, it highlights that thought as well as other functions that make up the human psyche, isn't innate or naturally shaped by environment. It is constituted in extensive articulations between biological and cultural factors based on social mediation. Afterwards, we discuss the relation between language and thought, concluding that the thought comes up at the moment that the socialized speech and the use of the signals converge and are internalized. Finally, we conclude that according to Vygotsky (1987), the relation

between language and thought is the center of all the psychological development. To understand how this process occurs in the child is necessary to get in on relations among the child, the adults, and the objects with which it coexists.

Keywords: Thinking, Language, Psychic functions, Child

Resumen

Este artículo tiene como objetivo describir cómo es el desarrollo del pensamiento infantil desde la concepción histórico-cultural. Se trata de un estudio bibliográfico, basado en los pensadores de la mencionada concepción, incluyendo a Aléxis N. Leontiev, a Alexander R. Luria, a Lev S. Vygotsky y a S.L. Rubinstein. Al principio hace hincapié en que el pensamiento, así como las otras funciones que conforman el psique humano, no es innato o natural, es formado por el ambiente. Es más bien, sobre la base de la mediación social, en los profundos vínculos entre factores biológicos y culturales. En seguida se discute la relación entre lenguaje y pensamiento, señalando que, en el momento en que el habla socializada y el uso de los signos convergen y se internalizan, surge el pensamiento. Por último, se concluye que, conforme Vygotsky (1987), la relación entre el lenguaje y el pensamiento es el centro de todo el desarrollo psicológico. Para entender cómo este proceso se lleva a cabo en el niño, deben introducir las relaciones establecidas entre ella, los adultos y los objetos con los que convive.

Palabras clave: Pensamiento, Lenguaje, Funciones psíquicas, Niño

1. Introdução

Desde que nasce, a criança se encontra inserida num contexto sociocultural, no qual convive com pessoas e objetos. Devido à mediação feita pelos adultos e crianças mais velhas, ela incorpora tanto o conteúdo como as formas de pensar e de sentir que permeiam essa relação. A mediação é feita, predominantemente, pela via da linguagem, tomada aqui nas suas diferentes formas: oral, escrita, gestual, fisionômica etc.

Entretanto, para desenvolver todas as capacidades intelectivas, como atenção, concentração, percepção, memória, dentre outras, é preciso de um longo processo, que se inicia no nascimento. Para entendê-lo, este estudo tem por objetivo explicitar como se dá o desenvolvimento do pensamento infantil, de acordo com a concepção histórico-cultural, a partir das questões colocadas por diversos pensadores, dentre eles, Aléxis N. Leontiev, Alexander R. Luria, Lev S. Vygotsky e S. L. Rubinstein. Em um primeiro momento, destaca-se que o pensamento, assim como as demais funções que compõem o psiquismo humano, não é inato nem naturalmente moldado pelo meio. Na sequência, discute-se a relação entre linguagem e pensamento, destacando a fala internalizada, como sendo um momento especial no desenvolvimento do

pensamento. Por fim, ressalta-se que para entender como se dá esse processo na criança, é necessário adentrar as relações que se estabelecem entre ela, os adultos e os objetos com os quais convive.

2. Criança, linguagem, mediação e pensamento

Ao nascer, a criança traz consigo um conjunto de neurônios dotados de sensibilidade, bem como órgãos dos sentidos apurados, que lhes permitem perceber o que acontece à sua volta. Não obstante tal potencialidade para o desenvolvimento, as capacidades humanas propriamente ditas são inteiramente formadas no âmbito das relações com pessoas e com objetos. E, nesse âmbito, a linguagem cumpre um papel de extrema relevância, como veículo de constituição e expressão do pensamento.

O primeiro tipo de linguagem expressado pela criança é o grito reflexo, inseparável de outras características emocionais e instintivas do comportamento. Nos primeiros meses de vida, surge outro estágio, em decorrência do reflexo condicionado. A criança percebe que seu grito gera vários resultados, especialmente, no comportamento da mãe e dos que estão à sua volta: quando o bebê chora, a mãe o pega no colo, quando balbucia, alguém responde com outro som. Ele está experimentando e interiorizando as reações produzidas no meio social pelos seus gritos, além de eles serem uma forma de expressar e comunicar algum sentimento.

Segundo Vygotsky (2000) e seus colaboradores – Luria (1986) e Leontiev (1978) –, o pensamento da criança, surge ligado à atividade prática. A relação entre atividade, pensamento e linguagem está no centro de todos os processos psicológicos. Inicialmente, a inteligência da criança se forma sobre o plano da ação, nos limites da percepção sensorial. Não de uma ação solitária – que se configura na relação criança/objeto – mas na ação solidária, quer dizer, mediada por outrem. É certo que a criança precisa pegar, apalpar, colocar na boca os objetos com os quais convive para conhecê-los, isso porque os receptores visuais, táteis, gustativos, olfativos e auditivos enviam, a todo instante, mensagens para o cérebro. Contudo, é igualmente verdadeiro, pontua Vygotsky (2000), que as possibilidades de desenvolvimento são quantitativa e qualitativamente ampliadas, quando a criança participa de atividades orientadas,

em que adultos ou crianças mais velhas explicam, chamam a atenção, identificam etc.

Quando os resultados das atividades da criança começam a fazer sentido para ela mesma, é sinal de que estão se formando seus primeiros atos intelectivos. O pensamento infantil está diretamente conectado à percepção e à experiência sensorial. A criança pensa com base em imagens concretas. De início, seu pensamento não consegue desvincular-se do imediatamente visto e sentido.

No contato com os objetos, a criança interioriza a imagem deles e, no contato com pessoas, ela pode relacionar o objeto ao nome, entender seu significado, seu valor cultural, enfim, pode conhecê-lo. O mesmo acontece com os gestos. Quando a criança, sob a orientação da mãe ou de outra pessoa, relaciona o ato de apontar com o que dele resulta – a obtenção de algo –, essa ação ganha sentido internamente, tornando-se um ato dirigido à outra pessoa, com um determinado fim. Observe-se que os significados e os sentidos socioculturalmente elaborados são apreendidos pelos mais novos nas interações experienciadas.

O crescimento intelectual da criança se dá na prática social. O conteúdo e as formas subjetivas que impregnam essa prática lhe são transmitidos por meio das interações. A consciência social se transforma em consciência individual. Para Vygotsky (2000), o desenvolvimento de formas culturais de pensamento e de comportamento, no plano individual, envolve a reconstrução interna de atividades externas, mediadas. Trata-se de uma reconstrução que tem por base as operações com signos. Simultaneamente ao aprendizado da linguagem, à apreensão dos signos e significados linguísticos, a inteligência instintiva vai sendo subsumida pela racional.

[...] o primeiro uso de instrumentos refuta a noção de que o desenvolvimento representa o mero desdobrar de um sistema de atividade organicamente pré-determinado da criança, o primeiro uso de signos demonstra que não pode existir, para cada função psicológica, um único sistema interno de atividade organicamente pré-determinado. O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica **superior**, ou **comportamento superior** com referência à combinação entre instrumento e o signo na atividade psicológica. (VYGOTSKY, 2000, p.62-63, grifo do autor)

A internalização das operações objetivo-subjetivas, historicamente desenvolvidas, representa o salto qualitativo entre o animal e o homem. Luria (1979), na mesma linha de raciocínio de Vygotsky (2000), postula que esse processo só é possível devido à linguagem, pois, com ela, o homem assimila a experiência de gerações anteriores, domina uma gama enorme de conhecimentos, habilidades e modos de comportamento, que, em hipótese alguma, poderiam ser resultado da atividade de um indivíduo isolado.

A inteligência da criança se forma por intermédio da percepção da realidade, para, depois, desprender-se progressivamente dessa base concreta. Ao mesmo tempo, é captando características específicas de objetos, pessoas, situações etc., que a percepção se desenvolve. *“El pensamiento está estrechamente conectado con la percepción, con la experiencia sensorial directa; esto se manifiesta de una manera más clara cuanto menor es el niño[...]”*(SMIRNOV, 1969, p.269).

O desenvolvimento do pensamento tem início no plano da ação. Entretanto, a partir do momento em que os resultados da atividade da criança começam a fazer sentido para ela, seus atos se transformam, passando a ser cada vez menos instintivos e cada vez mais intelectuais. Ao discutir sobre a atividade consciente, Luria (1988) demonstra a importância dessa etapa na vida da criança para o desenvolvimento da consciência. No início, a criança pequena tem apenas rudimentos da consciência adulta. Aos poucos, com a passagem do pensamento concreto para o abstrato, a distância entre os diferentes níveis de consciência diminui. Essa transformação se dá com a apropriação da linguagem; “A fala assume o comando; torna-se a ferramenta cultural mais utilizada; enriquece e estimula o pensamento e, por meio dela, a mente da criança é reestruturada, reconstruída” (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p.213).

A linguagem – assim como a consciência – é produto da coletividade humana, existindo para a coletividade e para a individualidade e representando a consciência prática dos homens. Por esse motivo, consciência e linguagem não podem ser separadas (LEONTIEV, 1978). Junto com a linguagem, a criança apreende conceitos, valores, normas de conduta, padrões de comportamento, em síntese, ela apreende conhecimentos, modos de pensar e de ser. Está-se

afirmando que, por meio da linguagem, tanto o conteúdo como as formas de perceber e raciocinar são objetivados, tornando-se acessíveis a todos quantos deles possam se apropriar. As capacidades intelectual-afetivas não se formam de maneira isolada umas das outras. Ao contrário, elaboram-se em íntimas conexões, constituindo um conjunto com imbricações mútuas, de sorte que qualquer mudança em uma dessas capacidades altera também as demais.

A percepção, a memória, a atenção, dentre outras, são faculdades imprescindíveis ao pensamento. E, apesar de cada uma delas conter especificidades que as distinguem umas das outras, compõem uma unidade indissolúvel. Luria (1979) ressalta a importância da linguagem no desenvolvimento desses processos psíquicos, que os eleva a um novo nível, à medida que reorganiza a percepção do mundo exterior. É por meio da percepção, que se constrói a atividade consciente na criança. A capacidade perceptiva lhe permite nomear e relacionar objetos, formas, cores, palavras e, ainda, identificar e generalizar objetos de acordo com categorias e grupos.

Com a apreensão da linguagem, modificam-se os processos de atenção, o que permite ao indivíduo focalizar determinados objetos, dentre outros, discriminando suas qualidades ou ações. A linguagem assegura também o surgimento da memória, tornando-a uma atividade mnemônica consciente, aumentando o volume de informações armazenadas no cérebro, bem como a capacidade de voltar ao passado e se desligar do imediato. Por essa via, ela permite o planejamento e a antecipação da ação, facultando o alcance de fins específicos.

[...] só com base na linguagem e com sua participação imediata constituem-se as complexas formas de pensamento abstrato e generalizado; o surgimento dessas formas representa uma das aquisições mais importantes da humanidade e garante a transição do 'sensorial ao racional', considerada pela filosofia do materialismo dialético como um salto que pela importância é igual à transição da matéria inanimada para a animada ou da vida vegetal para a animal. (LURIA, 1979, p.83)

A linguagem, uma das maiores riquezas humanas, é que faz a ligação entre a história social e a história individual. É por intermédio dela que conquistas sociais podem tornar-se propriedades de uma pessoa. Conforme Vygotsky (1987), a relação entre linguagem e pensamento é o centro de todo o desenvolvimento psicológico. Para entender como se dá esse processo na

criança, é necessário adentrar as relações que se estabelecem entre ela, os adultos e os objetos com os quais convive.

É na relação com o meio físico e social que a criança, sob a regulação de seus pares e/ou de adultos, irá elaborar e coordenar suas ações motoras e mentais. Segundo Gorski (1966), por meio da ação partilhada, o homem se apodera de determinados objetos e, graças aos instrumentos simbólicos, grava-os na mente.

Por esse motivo, não importa apenas a quantidade de oportunidades dadas às crianças para explorar, manipular e investigar o ambiente. Importa, sobretudo, a qualidade da mediação com a qual a criança pode contar nessas oportunidades. Isso porque, a qualidade dos conceitos, das associações estabelecidas, das classificações e outras funções cognitivas, que serão elaboradas nesse processo, relacionam-se à espécie de orientação, de explicações que a criança recebe, ou seja, depende da qualidade das interações que, com o auxílio da memória, a levarão, num nível posterior, a planejar e antecipar a ação, para chegar a um determinado fim.

Considerada deste ponto de vista, a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente. (VYGOTSKY, 1988, p.115)

Num primeiro momento, a criança se utiliza basicamente da ação, da percepção e da memória para entender o mundo. Somente num segundo momento, é que a percepção, aliada à linguagem, irá contribuir para dar sentido aos objetos com os quais tem contato e às situações vividas. Como escreve Vygotsky (1987), a linguagem tem dupla função: é um meio de que a sociedade se vale para coordenar a experiência, o pensamento de pessoas individualmente consideradas e, ao mesmo tempo, o instrumento mais importante na formação desse pensamento. Nesse sentido, a criança aprende, antes, a entender e controlar o comportamento das outras pessoas com as quais convive e só, depois, aprende a entender e a controlar a si mesma.

Dessa forma, a linguagem é, ao mesmo tempo, comunicação social e comunicação íntima do homem consigo mesmo. É tão importante e decisivo o

papel da linguagem na elaboração do pensamento, que, segundo Vygotsky (1998), do ponto de vista psicológico, a criança nunca mais será a mesma depois da aquisição dos signos e significados linguísticos.

Em sua obra *Pensamento e linguagem*, Vygotsky explicita a relação entre esses dois processos da seguinte maneira: inicialmente, a criança apresenta uma inteligência prática, reflexológica, movida por instintos, logo, não há pensamento. A inteligência prática é acompanhada por uma espécie de linguagem – que é expressa pelo choro, caretas e movimentos motores –, também ela, instintiva. A linguagem social, que abarca o conteúdo e as formas de pensar e de sentir, está dada, como o próprio nome sugere, no plano das relações entre pessoas. Por intermédio da convivência, da interação, o conteúdo e as formas, antes referidos, se reconstituem no plano individual, na criança.

A convergência entre a fala social e a inteligência prática, que até então eram duas linhas paralelas, diz Vygotsky (1987), é o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual; é o momento em que se inicia a formação do pensamento. A linguagem social invade a inteligência instintiva reconfigurando-a, humanizando-a. Assim que a fala e o uso dos signos são incorporados pela criança, sua ação se organizará ao longo de linhas inteiramente novas.

A assimilação da palavra pela criança é apenas o primeiro passo para a compreensão do saber que ela encerra, pois os significados que podem ter são muitos. As relações entre a palavra e as situações objetivas são dinâmicas, modificam-se conforme a situação e o nível de desenvolvimento do pensamento. Quando a criança está aprendendo a falar – à semelhança do que ocorreu com os homínídeos nos primórdios da civilização –, chama vários objetos por um mesmo nome, supondo que todos os tipos estão compostos ali.

[...] todo o sistema de relações das funções entre si está, no fundamental, determinado pela forma de pensamento predominante na etapa de desenvolvimento em que se encontra a criança. Em outras palavras, podemos afirmar que todos os sistemas fundamentais das funções psíquicas da criança dependem do nível alcançado por ela no desenvolvimento do significado das palavras [...]. (VYGOTSKY, 1998, p.75)

Especialmente nos primeiros anos de vida, entre o pensamento e a linguagem há, por assim dizer, um movimento de vai e vem. Por meio da

linguagem, a criança se apropria de novos conhecimentos, o que eleva seu nível de pensamento, que, tendo se tornado mais plástico, faculta aprendizagens mais complexas e assim por diante. É justamente pelo fato de o pensamento se constituir com base na linguagem, que a criança é compelida a fazer a distinção entre a semântica e a fonética, compreendendo, assim, que a palavra é parte integrante do objeto denominado. A capacidade que a criança desenvolve de se comunicar por meio da linguagem relaciona-se, diretamente, com a diferenciação dos significados das palavras. Tal diferenciação vai sendo feita, de modo simultâneo, na fala e na sua consciência.

Como se pode perceber, para Vygotsky (1998), a linguagem – e todo conhecimento que ela encerra – está dada no plano exterior, social. Por meio das interações, tanto a linguagem como o conhecimento são reconstruídos no plano interno, intraindividual. À medida que vai ocorrendo a internalização do conteúdo e das formas de pensar, de ser, implícitas na linguagem, a criança se libera da regulação próxima e intensa feita pelas outras pessoas. Com a formulação do próprio pensamento, aos poucos, ela adquire a capacidade de se autorregular. Essa é uma das razões pelas quais Vygotsky (2000) afirma que a relação entre pensamento e linguagem não pode ser compreendida em toda sua complexidade, sem que se explicita a natureza psicológica da fala interior.

Antes de chegar à fala interior, a criança passa por um período de fala egocêntrica¹, que, em algum sentido, é semelhante à fala interior, na medida em que ajuda a criança a superar as dificuldades da fala social e do pensamento. A fala egocêntrica se expressa na forma de sussurros e acompanha as atividades da criança que fala enquanto faz. Sendo essa uma fala para si, cumpre a função de manter a concentração e a organização do pensamento. Com o desenvolvimento das funções psíquicas na infância, a vocalização vai se tornando desnecessária, pois, ao internalizar seus atos, mantendo-os em pensamento, a criança não precisará repetir, com tanta frequência, a ação que planeja fazer ou mesmo que está executando no presente, indicando que houve uma abstração do som e o surgimento de uma nova capacidade “[...] a de pensar as palavras, ao invés de pronunciá-las” (VYGOTSKY, 1987, p.116).

¹ A fala egocêntrica se origina da individualização insuficiente da fala social e se desenvolve no sentido de se tornar fala interior, só se manifestando quando a criança, ou até mesmo o adulto, se depara com situações difíceis, desafiadoras (VYGOTSKY, 2000).

A fala interior, como escrevem Vygotsky (2000) e Luria (1986), é sinônimo de pensamento e se estabelece com a reconstituição interna da fala social. Ela é, pois, condição imprescindível para que a criança, o sujeito, adquira certa autonomia em suas atividades. Na fala interior, a palavra sonora morre e nasce o pensamento, que, por sua vez, não se estrutura nem se manifesta exatamente como a linguagem. O pensamento, ao contrário da fala, não consiste em unidades separadas.

Quando desejo comunicar o pensamento de que hoje vi um menino descalço, de camisa azul, correndo rua abaixo, não vejo cada aspecto isoladamente: o menino, a camisa, a sua corrida, a ausência de sapatos. Concebo tudo em um só pensamento, mas o expresso em palavras separadas [...]. (VYGOTSKY, 1987, p.128-129)

A relação existente entre pensamento e palavra é um processo vivo, que nasce por intermédio das palavras e culmina na reflexão sobre a realidade. As palavras desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento e, conseqüentemente, na transformação histórica da consciência humana. A palavra é um microcosmo da consciência humana, pondera Vygotsky (1987).

Quando a criança aprende a dispor de palavras, aprende também a generalizá-las, alcançando um nível de desenvolvimento mais avançado do que o anterior, uma vez que não fica mais apenas na atuação, presa imediatamente ao objeto. A relação entre a criança e o objeto é, agora, mediada pela palavra. Nas primeiras generalizações, ela não nota a grande diversidade de significados que existe nas palavras, limitando-se aos significados expressos na situação presente.

A designação das características vai aumentando progressivamente em significado objetivo. O espaço que ocupam na linguagem infantil vai aumentando, o seu significado vai-se transformando. De início, as palavras correspondentes (quente, molhado etc.) exprimem preponderantemente os estados afectivos da criança; depois começam a designar as características ou a natureza das coisas. (RUBINSTEIN, 1973, p.204)

As modificações que se produzem ao redor da criança, como resultado da atividade dos que a rodeiam e daquelas que satisfazem suas necessidades, criam nela a primeira ideia de causalidade dos acontecimentos reais. A compreensão das diferentes relações existentes entre as palavras e seus

significados aumenta, consideravelmente, as generalizações da criança, que começa a se dar conta da relatividade de certas características e situações. Esse é um passo essencial no desenvolvimento do pensamento e pode ser observado, por exemplo, em relação à cor branca.

[...] nas regiões tropicais (e zonas subtropicais), utiliza-se apenas uma palavra para designar a cor branca; nos idiomas dos povos de zonas frias, há não menos de 10-12 palavras que designam diferentes matizes de cor branca (a cor da neve recém-caída, a cor da neve esponjosa, a cor da neve a ponto de derreter etc.). Ou seja, a designação das cores na linguagem está estreitamente ligada à atividade prática das pessoas e refletem aqueles traços dos matizes da cor que possuem para elas uma significação prática. (LURIA, 1986, p.93)

Outra característica do pensamento infantil, no esforço por descobrir os aspectos das coisas, o que as distinguem, é a observação. A criança é ativa, daí a necessidade de compreender os objetos, o meio social à sua volta. Rubinstein (1973) dá a entender que, na primeira infância, o pensamento da criança fica muito preso aos limites da percepção². A dedução passa de um fato isolado para outro fato isolado. As formas superiores da conclusão não aparecem de início, a não ser em alguns setores isolados. A dedução opera com a causalidade, embora não compreenda ainda as suas leis ou normas.

A explicação daquilo que a criança vê é perpassada também pelas suas fantasias. Ela precisa encontrar respostas para suas indagações e, por isso, lança mão da imaginação para explicar, por exemplo, por que chove, por que anoitece e amanhece, já que ainda não dispõe da compreensão dos conceitos científicos. *“Cuando los niños preescolares intentan comprender por si mismos los fenómenos reales es muy frecuente que hagan conclusiones complementarias equivocadas a consecuencia de la falta de conocimientos [...]”* (SMIRNOV, 1969, p. 271).

Gorski (1966), como Vygotsky (2000), considera que há uma conexão direta entre linguagem e pensamento. Os aspectos distintos do pensar, tais como linguagem, conteúdos abstratos, imagens, percepção e representações, se relacionam direta e imediatamente com a língua, uma vez que a palavra

² Nesse sentido, é importante que pais e educadores prestem atenção aos conteúdos das programações televisivas que as crianças assistem. Como se pode ver, a criança assimila as informações que recebe através das imagens e linguagens veiculadas pela televisão, mas ainda não tem as estruturas mentais suficientemente desenvolvidas para compreender além do imediato.

expressa não apenas o conceito, mas também a representação, os significados e sentidos.

A linguagem, ao mesmo tempo em que é condição para que o pensamento abstrato e generalizado se forme, é o principal meio de sua realização. Pela linguagem, as abstrações e generalizações se objetivam, podendo ser apropriadas por outros. Toda nova generalização, feita por membros de uma sociedade, inicialmente, assimila o conteúdo na língua da generalização feita por seus pares. Não se trata de mera repetição, mas de reconstruções pautadas em novas necessidades que os homens se põem.

Considerações finais

Ao final deste estudo, depreende-se que o pensamento infantil se desenvolve na vida em sociedade, pela mediação e pela ação da criança sobre o meio. A criança ao nascer, tem um conjunto de neurônios dotados de sensibilidade, e, nesse âmbito, a linguagem cumpre um papel de extrema relevância, como veículo de constituição e expressão do pensamento.

Junto com a linguagem, a criança apreende conceitos, valores, normas de conduta, padrões de comportamento, modos de pensar, contribuindo para desenvolver a percepção, a memória, a atenção, dentre outras faculdades imprescindíveis ao pensamento.

Por fim, conclui-se que a linguagem constitui, organiza e expressa todas as funções psicológicas superiores, incluindo o pensamento; dessa forma, a linguagem é, ao mesmo tempo, comunicação social e comunicação íntima do homem consigo mesmo, importante e decisiva na elaboração do pensamento e sua realização.

Referências bibliográficas

GORSKI, D. P. *Pensamiento y lenguaje*. México, D.F.: Grijalbo S/A, 1966.

LEONTIEV, Aléxis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

LURIA, A. R. *Curso de psicologia geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. V. I.

_____. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

RUBINSTEIN, S.L. *Princípios de psicologia geral*. Lisboa: Estampa, 1973.

SMIRNOV, A. A. et al. *Psicologia*. México, D.F.; Grijalbo, 1969.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988. p.103-117.

_____. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. S; LURIA A. R. *A história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.